

Série **Samba se aprende na escola** – canções da Praça Onze

Episódio 9 – Bom dia, Avenida

**Vinheta com Voz do Morro**

<https://www.youtube.com/watch?v=h06DRX2Ot7M>

**0.00'32"**

*Preparem seus tamborins*

*A Praça Onze acabou, não temos onde brincar*

*Por isso, não vamos chorar* **0.00'44"**

Olá, esta é a série **Samba se aprende na escola – canções da Praça Onze**. Aqui, falamos de Música Popular Brasileira para aprender com quem canta as nossas histórias. Este é o nono episódio e nele vamos ouvir, analisar e cantar o samba **Bom dia, Avenida**, de Herivelto Martins e Grande Otelo, lançado para o carnaval de 1944, com o Trio de Ouro e o regional de Benedito Lacerda.

**Sobe som Bom dia, Avenida**

<https://www.youtube.com/watch?v=xZkzpay1rjo>

*Lá vem a nova avenida / Remodelando a cidade / Rompendo prédios e ruas / Os nossos patrimônios da saudade / É o progresso! / E o progresso é natural / Lá vem a nova avenida / Dizer à sua rival: / Bom dia, Avenida Central! / Bom dia, Avenida Central! Lá vem avenida!*

*A União das Escolas de Samba / Respeitosamente, faz o seu apelo / Três e duzentos de selo / Requereu e quer saber / Se quem viu a Praça Onze acabar / Tem direito à Avenida / Em primeiro lugar /*

*Nem que seja depois de inaugurar / Nem que seja depois de inaugurar!*

*Nem que seja depois de inaugurar / Nem que seja depois de inaugurar!*

No carnaval de 1944, dois anos depois do sucesso de **Praça Onze**, Herivelto Martins e Grande Otelo voltaram ao tema com **Bom dia, Avenida**. Este tipo de música também é chamado de samba de carnaval, de terreiro ou de quadra, porque, antes de gravar, os compositores apresentavam na quadra da escola de samba. Se as pastoras cantassem, era um sinal de aprovação e de que tinha chance de fazer sucesso. Clássicos da música popular, como **A fonte secou**, de Monsueto, Raul Moreno e Marcelo, do carnaval de 1954, surgiram assim. Ouve só:

**Sobe som A fonte secou**

[https://www.youtube.com/watch?v=n8eigX\\_pnl8](https://www.youtube.com/watch?v=n8eigX_pnl8)

**Aos 0.00'09"**

*Eu não sou água / pra me tratares assim / só na hora da sede / é que procuras por mim / A fonte secou / quero dizer que entre nós / tudo acabou.*

*Eu não sou água / pra me tratares assim / só na hora da sede / é que procuras por mim / A fonte secou. (mais o acompanhamento, antes do coro voltar a cantar) 0.0039"*

O próprio Herivelto Martins emplacou muitos sambas de terreiro. Como **Laurindo**, outro clássico que fala da Praça Onze.

**Sobe som Laurindo**

<https://www.youtube.com/watch?v=asW9HU8igyA>

**Aos. 0.00'25"**

*Laurindo sobe o morro gritando: / Não acabou a Praça Onze, não acabou / Vamos esquentar os nossos tamborins / Procure a porta-bandeira / E põe a turma em fileira / E marca ensaio pra quarta-feira*

**0.00'50"**

No carnaval de 1944, a Praça Onze já tinha sido demolida para a atual a Avenida Presidente Vargas passar. Tudo em nome do progresso, como diz a primeira estrofe do samba **Bom dia, Avenida.**

**Sobe som primeira estrofe de Bom dia, Avenida**

<https://www.youtube.com/watch?v=xZkzpay1rjo>

**Aos.0.00'14" (sem a introdução)**

*Lá vem a nova avenida / Remodelando a cidade / Rompendo prédios e ruas / Os nossos patrimônios da saudade / É o progresso! / E o progresso é natural / Lá vem a nova avenida / Dizer à sua rival:/ Bom dia, Avenida Central! / Bom dia, Avenida Central! Lá vem avenida! 0.00'49"*

Será que a história do urbanismo carioca e, por extensão, do urbanismo brasileiro, sempre foi essa disputa entre o progresso e os "patrimônios da saudade"? Quem responde é o arquiteto Carlos Fernando Andrade, urbanista com doutorado pela UFRJ e especialista em Rio de Janeiro, cidade onde nasceu. Carlos Fernando, como os urbanistas e os governos viam esta questão patrimônio versus progresso?

**Sobe som Carlos Fernando Andrade. Aos 0.08'45''**

O progresso é o automóvel. Nesse momento, em 1937, se instala o Estado Novo e é um período em que os rodoviaristas, vamos chamar assim, quer dizer, o pessoal que pensava, principalmente, engenheiros, né? Que pensavam a cidade a partir dessa grande novidade do século 20, que era o automóvel, começa a pensar, então, os projetos dando uma tônica muito mais forte para as rodovias, para as grandes vias. **0.06'48''**

**Junta com 0.07'43''**

E é óbvio que esta ideia do grande eixo, não é? que foi a Presidente Vargas, é um projeto rodoviarista. **0.07'51''**

**Junta com 0.09'25''**

O Estado novo, embora ele tenha este viés rodoviarista, ele é algo bem mais complexo. **0.09'35''**

Como a questão é vista hoje, no século 21?

**Sobe som Carlos Fernando Andrade. Aos 0.10'47''**

Hoje, eu acho que avançamos muito nessa conceituação. Quer dizer, já não se vê, como polêmica, ou como dicotomia, ou como antagonismo, a questão do progresso e da preservação do patrimônio. Se você quiser avançar na pergunta, até progresso e preservação do meio ambiente. Progresso e preservação das culturas originárias. **0.11'19''**

**Junta com Carlos Fernando Andrade. Aos 0.12'01''**

Cada vez mais, as cidades têm menos substância teórica, menos técnica e mais, digamos, visões circunstanciais, mercadológicas. Existe toda uma ideia de que o mercado resolve tudo, por que não vai resolver a cidade também? **0.12'21"**

O problema, no caso da Praça Onze, era o que fazer com os moradores do bairro que, como vimos no episódio 2, ocupavam antigos palacetes que viraram cortiços. Isso não acontecia só no Rio de Janeiro e não acabou com o fim do Estado Novo. Veja, como, em 1961, o compositor paulista Adoniram Barbosa, falava sobre a questão, no samba **Saudosa Maloca**, que os Demônios da Garoa cantaram.

#### **Sobe som Saudosa Maloca, Demônio da Garoa**

[https://www.youtube.com/watch?v=V\\_N4Jum5h2A](https://www.youtube.com/watch?v=V_N4Jum5h2A)

*Se o senhor não tá lembrado / Dá licença de contar / Que acá onde agora está / Esse edifício alto / Era uma casa velha / Um palacete assobradado / Foi aqui seu moço / Que eu, Mato Grosso e o Joca / Construimos nossa maloca / Mas um dia, nós nem pode se lembrar / Veio os homi com as ferramentas / O dono mandou derrubar.*

**0.01'18"**

Carlos Fernando, como os urbanistas brasileiros do início do século 20 encaravam a situação das pessoas que tinham que sair de onde moravam para remodelar e modernizar as cidades?

#### **Sobe som Carlos Fernando Andrade. Aos 0.14'53"**

Do que se sabe é que da abertura da Rio Branco, que é anterior à Presidente Vargas, foi simplesmente: ó, sai daí porque desapropriei o terreno. Desapropriei do proprietário, não do morador.

### **Junta com 0.13'16"**

Mas, de 1960 em diante, você começa a ter um outro tipo de remoção, que são as remoções de favelas. Que também não era novidade. As primeiras foram feitas também no governo do Getúlio Vargas, se não me falha a memória, a primeira terá sido a que chamava favela da Memória, que ficava lá no Leblon, e vai da origem à ideia dos parques proletários. Uma coisa que era quase que um campo de concentração, uma coisa meio... tinha hora pra abrir, tinha hora pra fechar. **0.13'49"**

### **Junta com 0.14'10"**

Mas, como toda ação, também tem uma reação. **0.14'12"**

### **Sobe som Daqui não saio. Aos 0.01'19"**

<https://www.youtube.com/watch?v=YG5mpvgROgg>

*Daqui não saio / Daqui ninguém me tira / Daqui não saio /  
Daqui ninguém me tira.*

*Onde é que eu vou morar? / O senhor tem paciência de esperar! /  
Inda mais com quatro filhos / Onde é que vou parar?*

*Sei que o senhor / Tem razão de querer / A casa pra morar / Mas  
onde eu vou ficar? / No mundo ninguém perde por esperar / E ainda  
dizem por aí que a vida vai melhorar / Ôoi! **0.01'52"***

### **Sobe som Carlos Fernando Andrade. Aos 0.14'25"**

Então, de 60 para cá, você começa a ter essa discussão, que não está resolvida até hoje. Como é que você vê a remoção? Remoção por obra pública sempre haverá. Não é? Se eu vou abrir uma rua, se eu vou fazer uma represa, uma hidrelétrica, qualquer coisa dessa natureza. **0.14'48''**

### **Junta com 0.15'49''**

É uma questão que está em discussão, não é pronta, não tem uma resposta única, mas certamente ela é mais respeitosa. Ela é mais pensada, ela é vista como algo a ser mitigado. **0.16'05''**

Em 1944, **Bom dia, Avenida**, não lamentava mais a demolição da Praça Onze. Pelo contrário. Saudava a nova avenida.

### **Sobe som Bom dia, Avenida. Aos 0.00'37''**

<https://www.youtube.com/watch?v=xZkzpay1rjo>

*Lá vem a nova avenida / Dizer à sua rival:/ Bom dia, Avenida Central! / Bom dia, Avenida Central!*

*Lá vem avenida! 0.00'49''*

Avenida Central era o nome da atual Avenida Rio Branco, que fica no centro do Rio de Janeiro. Imitava um bulevar parisiense destinado à boa sociedade carioca: branca e burguesa. O carnaval dos imigrantes pobres, majoritariamente negros, não tinha lugar lá. Por isso, o sujeito poético desta canção pede licença, respeitosamente, para passar as escolas de samba e os blocos caricatos na Avenida Central.

### **Sobe som segunda estrofe de Bom dia, Avenida**

<https://www.youtube.com/watch?v=xZkzpay1rjo>

**Aos 0.01'26"**

*A União das Escolas de Samba / Respeitosamente, faz o seu apelo  
/ Três e duzentos de selo / Requereu e quer saber / Se quem viu a  
Praça Onze acabar / Tem direito à Avenida / Em primeiro lugar /  
Nem que seja depois de inaugurar / Nem que seja depois de  
inaugurar!*

*Nem que seja depois de inaugurar / Nem que seja depois de  
inaugurar!*

**Lá vem avenida! 0.01'58"**

Mas, lembre-se, durante o Estado Novo, o governo combatia qualquer oposição com censura e prisão. Nos vimos isso, lá no episódio 6. Se a situação da classe média era difícil, para negros e pobres era pior ainda. Sua música, o samba, havia se tornado símbolo nacional, mas a repressão a eles, era amparada pela ciência, que recomendava ações curativas por parte da Medicina, e ações corretivas, por parte da polícia. Até no samba havia discriminação, como bem lembrou Caetano Veloso ao analisar **Feitiço da Vila** de Noel Rosa.

**Sobe som Caetano Veloso. Aos 0.00'19"**

<https://www.youtube.com/watch?v=JITbSJWLJJE>

É uma canção de afirmação da classe média letrada contra os sambas do morro e próximos do candomblé. Basicamente, é uma canção racista. 0.00'37"

**Junta com Caetano Veloso, aos 0.02'20"**



A Vila tem um feitiço sem farofa... ATÉ ... num feitiço decente que prende a gente. **0.03'13"**

**Junta com Caetano Veloso. Aos 0.04'11"**

O Noel Rosa não só fez isso... ATÉ .... uma canção menor do que é. 0. 04'26"

Além de enfrentar este tipo de preconceito, os sambistas da Praça Onze tinham perdido seu lugar. Em 1942, casas, escolas, igrejas, lojas.. tudo que havia no bairro foi para o chão. Como e por que isso aconteceu, Carlos Fernando?

**Sobe som Carlos Fernando. Aos 0.18'12"**

O Estado Novo, ele é um período complexo. Ele cria o Iphan, cria o instituto do tombamento e, por outro lado, cria o destombamento também. A presidente Vargas, ela vai acabar com a Praça Onze e vai acabar com uma porção de outras coisas. Havia uma igreja, que era a única igreja, que era a única igreja de planta barroca que a gente tem, que era São Pedro dos Cléricos. **0.18'39"**

**Junta com 0.19'01"**

E ela foi destombada pra poder ser demolida. **0.19'06"**

Por tudo isso, a linguagem de **Bom dia, Avenida**, não é informal, como ocorre nos outros sambas. Parece mais um texto jornalístico. Na primeira estrofe, conta-se o que está ocorrendo. O surgimento de uma nova avenida. Os verbos são no presente do indicativo e no gerúndio.

### **Sobe som Primeira estrofe de Bom dia, Avenida**

<https://www.youtube.com/watch?v=xZkzpay1rjo>

**Aos.0.00'14'' (sem a introdução)**

*Lá vem a nova avenida / Remodelando a cidade / Rompendo  
prédios e ruas / Os nossos patrimônios da saudade / É o progresso!  
/ E o progresso é natural. 0.00'36''*

Na segunda estrofe, o sujeito poético fala na terceira pessoa do discurso porque não representa a si mesmo, mas a uma instituição.

### **Sobe som segunda estrofe de Bom dia, Avenida**

<https://www.youtube.com/watch?v=xZkzpay1rjo>

**Aos 0.01'26''**

*A União das Escolas de Samba / Respeitosamente, faz o seu apelo  
/ Três e duzentos de selo / Requereu e quer saber / Se quem viu a  
Praça Onze acabar / Tem direito à Avenida / Em primeiro lugar /  
Nem que seja depois de inaugurar / Nem que seja depois de  
inaugurar!*

**0.01'58''**

As escolas de samba demoraram alguns anos para desfilar na Avenida Central, só quando já se chamava Avenida Rio Branco. Hoje, têm o lugar delas, o sambódromo, que fica na região onde foi a Praça Onze. E é palco do “maior show da terra”, como diz o samba enredo **É hoje**, da União da Ilha do Governador, em 1982.

### **Sobe som É hoje**

[https://www.youtube.com/watch?v=M\\_G5\\_1FTxk4](https://www.youtube.com/watch?v=M_G5_1FTxk4)

**Aos. 0.00'15''**

*A minha alegria atravessou o mar / E ancorou na passarela / Fez um desembarque fascinante / No maior show da terra. 0.00'29"*

**Sobe som Carlos Fernando. Aos 0.23'21"**

Foi mais uma intervenção no carnaval, no sentido de você standardizar o desfile, né? Ele é mal usado 90% do tempo, não é. Enfim, então eu acho que Há.. havia aquela que.. ah, porque monta e desmonta arquibancada. Sim, mas justamente. O carnaval é um evento. Então, é eventual. Então, você montar e desmontar é da vida.

E os blocos caricatos lá da Praça Onze? Como ficaram. Já mostramos como eram no episódio 2.

**Sobe som Bloco de Sujo, com As Gatas.**

<https://www.youtube.com/watch?v=1oc2q2271XM>

**Começa a partir de 0.00'26"**

*Olha o bloco de sujo / que não tem fantasia / mas que traz alegria / faz o povo sambar / olha o bloco de sujo / vai batendo na lata / alegria é barata / carnaval é pular.*

*Plac, plac, plac, bate a lata / plac, plac, plac, bate a lata / plac, plac, plac, quem não tem tamborim / plac, plac, plac, bate a lata / plac, plac, plac, bate a lata / plac, plac, plac, carnaval é assim.*

**Aos 0.01'00"**

E como esses blocos são hoje. Carlos Fernando nos responde. Além de urbanista, com projetos realizados no Brasil inteiro, ele também bota seu bloco na rua, há mais de 30 anos. O Bloco de Segunda, no Rio de Janeiro.

### **Junta com 0.26'53''**

O bloco de sujo, propriamente, que é um bloco mais de subúrbio, que esse nunca desapareceu, que é uma coisa meio familiar, meio da rua, meio *do plac bate a lata*, isso não é o que estamos falando. O que estamos falando é de uma coisa organizada, muito mais ligada à classe média urbana, da zona sul, do centro de Santa Tereza e tal, e que eu acho que vem junto com este renascimento da Lapa também, com o samba de raiz etc. **0.27'28''**

### **Junta com 0.28'28''**

É muito engraçado quando eu vejo assim: “o tradicional Bloco de Segunda...” eu penso. Meu Deus do céu, o tradicional sou eu? Não tenho tradição nenhuma, né? Tô aqui. Oba! **0.28'37''**

Depois dessa aula de patrimônio, samba e carnaval, vamos ouvir **Bom dia, avenida** na versão instrumental, que Paulão 7 Cordas criou para você para aprender a cantar. Ouça algumas vezes e, depois, cante lendo a letra para decorar. Você pode cantar solo ou em grupo. A letra está no site [www.toris.com.br](http://www.toris.com.br). Tóris com i, viu? [www.toris.com.br](http://www.toris.com.br). Lá encontra também o texto deste episódio e a dissertação **Quando vem da alma de nossa gente, sambas da Praça Onze**, que foi a origem desta série. Bora cantar? [www.toris.com.br](http://www.toris.com.br).

**Sobe som versão instrumental de Conversa de Botequim.**

Gostou de cantar? Se você quiser mostrar como canta essa música, grave e mande para o e-mail [beatriz.toto@gmail](mailto:beatriz.toto@gmail.com), que a gente vai divulgar no youtube.

Este foi o nono episódio da série **Samba se aprende na escola – canções da Praça Onze**, onde ouvimos, analisamos e você cantou o samba **Bom dia, Avenida**. Muito obrigada e até o próximo episódio, em que vamos aprender mais uma canção.

### **Sobe som vinheta Voz do Morro**

<https://www.youtube.com/watch?v=h06DRX2Ot7M>

**0.00'32"**

*Preparem seus tamborins*

*A Praça Onze acabou, não temos onde brincar*

*Por isso, não vamos chorar* **0.00'44"**

Esta série foi concebida por mim, Beatriz Coelho Silva, a Totó. A produção executiva é de Lucas Gabriel MH, Insitte Comunicação. **Samba se aprende na escola – canções da Praça Onze** é um material didático distribuído gratuitamente e não tem fins lucrativos. A direção musical e a versão instrumental das músicas é de Paulão 7 Cordas.

Participaram das gravações: Alessandro Cardoso e Márcio Hulk no cavaquinho, Dudu Oliveira, na flauta; Márcio Wanderley no banjo; Ramon Araújo, no violão, Netinho Albuquerque, Rodrigo Reis, Rodrigo Jesus e Waltiz Zacharias, nas percussões. E Paulão no violão de 7 cordas.

Técnicos de gravação: Jadir Florentino, Ricardo Cidade e Ricardo Calafate.

Assessoria Pedagógica: Juliana Stanzani

Assessoria: KB Comunicação

O apoio cultural é da Maritaca Moda Artesanal.

O apoio moral é de Dinalda Machado, João Vítor Machado, Cely Leal e Teca Pimentel.

No site [www.toris.com.br](http://www.toris.com.br) você encontra o texto de todos os episódios e também a dissertação **Quando vem da alma de nossa gente, sambas da Praça Onze**, que foi a origem desta série.

Vai lá e conta o que você achou. [www.toris.com.br](http://www.toris.com.br).

Muito obrigada.